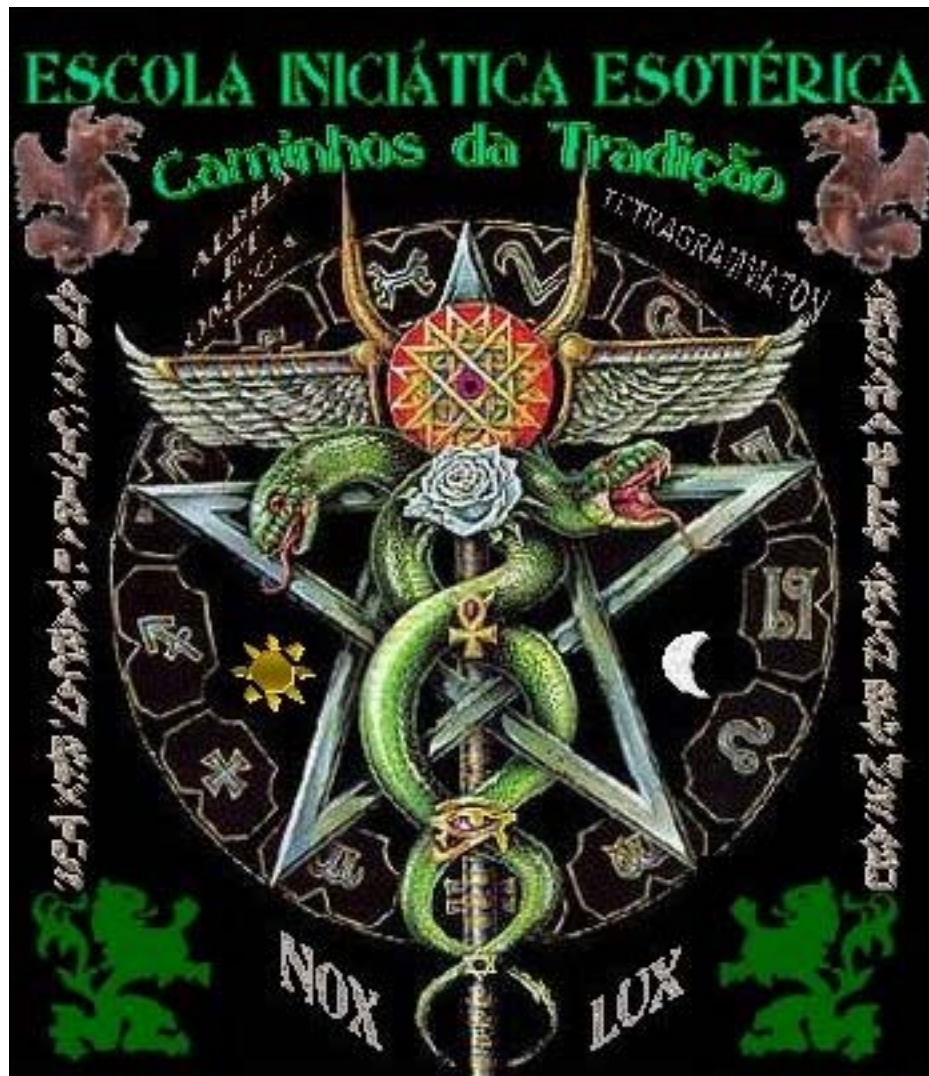


Curso Intermediário de Magia



©Todos os direitos reservados para Society O.T.O Brasil

Módulo XVII

A Mente-Grupo

Dion Fortune

Traduzido e adaptado por A Sacerdotisa 666

O termo Mente-Grupo às vezes é usado incorretamente entre os ocultistas, como se fosse intermutável com Alma-Grupo. Os dois conceitos, porém, são completamente diferentes. A Alma-Grupo é o material bruto da matéria-mente, do qual a consciência é diferenciada por meio da experiência; a Mente-Grupo é construída por meio da contribuição de muitas consciências individualizadas, concentrando-se sobre a mesma idéia.

Para tomar isto mais claro, tomemos um exemplo concreto. Certa vez estava viajando da Argentina para o Brasil quando vi que estavam embarcando alguns rapazes com uniforme esportivo escrito "Boca", eles embarcavam discretamente e ninguém havia notado nada e nem falava nada a respeito, então me virei a um senhor e lhe perguntei: "Estes não são os jogadores do Boca Júniors?" Neste instante o senhor, um fervoroso torcedor os reconheceu e correu para tirar uma foto me puxando pela mão, em questão de segundos estava formada uma enorme confusão. Pessoas pacatas e controladas foram levantadas e arrebatadas pela onda de excitação e foram vistas gritando, correndo e empurrando umas às outras como se fossem loucas. Note a diferença entre o comportamento da multidão, quando agiu como uma multidão, e o comportamento dos indivíduos isolados, muito embora numerosos, que simplesmente pararam para olhar com interesse mas não demonstraram qualquer emoção.

Este incidente nos faz recordar muitos outros incidentes que ocorrem freqüentemente com os artistas famosos e são mostrados na televisão. Há também casos de linchamento e agressões, etc.

Consideradas individualmente, quantas pessoas sozinhas teriam coragem de sair gritando euforicamente num aeroporto porque reconheceu um jogador de seu time favorito? Cidadões de bem, trabalhadores, servidores públicos teriam se exposto a isso? Não obstante, quando apanhados no frenesi da multidão, foram capazes de fazer um ataque selvagem em meio a uma enorme gritaria. Durante aquele momento, alguma coisa como uma entidade obsessora tomou posse da alma de todos eles, uma imensa "Alguma Coisa", de um caráter que não era a soma da massa de almas individuais, porém algo mais vasto, mais potente, mais feroz e mais intensamente vivo e consciente dos seus impulsos. Todavia, em momentos comuns as multidões que se acotovelavam andavam absorvidos em

seus próprios pensamentos, indiferentes, sem dar atenção aos seus vizinhos. O que foi que transformou essa massa de unidades indiferentes e apressadas em um bando unido e arrebatado pelo entusiasmo de um ideal, ou em um organismo capaz de perigosa violência?

A chave para a situação toda está na direção da atenção de um grupo de pessoas para um objeto comum, a respeito do qual todas elas nutrem, fortemente, o mesmo sentimento. A direção da atenção, sem emoção, para um objeto comum, não tem o mesmo efeito. Embora a multidão pare e fique olhando para os semáforos, eles não determinam a formação de uma mente-grupo.

Com o auxílio de todos esses dados, consideremos o problema nas suas aplicações ocultas. O que é esta estranha superalma, que se forma e se dispersa tão rapidamente quando um grande número de pessoas tem o mesmo pensamento em um mesmo lugar? Para uma explicação, devemos analisar a teoria dos Elementais Artificiais.

Um Elemental, Artificial é uma forma de pensamento que tem por alma uma essência Elemental. Esta essência poderá ser extraída diretamente dos reinos Elementais ou poderá provir da própria aura do mago. Uma forma-pensamento construída por meio de contínua visualização e concentração, e com relação à qual é sentida uma emoção forte, fica carregada com essa emoção e é capaz de ter uma existência independente, fora da consciência do seu criador. Este é um fator muito importante no ocultismo prático, e é a explicação de muitos dos seus fenômenos.

Exatamente o mesmo processo, que conduz à formação de um Elemental Artificial por um mago, tem lugar quando um grande número de pessoas se concentra, com emoção, sobre um único objeto. Essas pessoas criam um Elemental Artificial, vasto e potente, relativamente proporcional no tamanho e à intensidade dos sentimentos da multidão. Este Elemental tem uma atmosfera mental própria, muito marcante, e esta atmosfera influencia, com poderosa intensidade, os sentimentos pessoais de cada integrante da multidão emocionada. Dá a ela sugestões telepáticas, faz soar a nota do seu próprio ser nos ouvidos de cada um, reforçando, desse modo, a vibração emocional que originalmente o fez nascer; há ação e reação, estímulo mútuo e intensificação, entre o Elemental e seus criadores. Quanto mais a multidão se concentra sobre o objeto da sua emoção, mais vasto se torna o Elemental; quanto mais vasto ele se toma, mais forte é a sugestão em massa que ele envia aos indivíduos componentes da multidão que o criou; e estes, recebendo esta sugestão, percebem que os seus sentimentos vão se intensificando. É desse modo que as multidões são capazes de atos de paixão, dos quais cada membro individual se esquivaria com horror.

Um aglomerado Elemental, porém, dispersa-se com a mesma rapidez com que se formou, porque uma multidão não tem continuidade de existência no instante em que o estímulo da emoção é removido, a turba deixa de ser uma unidade e reverte à heterogeneidade. É por isso que os exércitos indisciplinados, embora cheios de entusiasmo, são máquinas de lutar indignas de confiança, pois o entusiasmo se evapora se não for continuamente estimulado. Ele se fraciona em partículas componentes de muitas unidades com interesses diversificados, cada uma ativada pelo instinto de autopreservação. Para construir uma mente-grupo que tenha qualquer durabilidade, é essencial que haja algum método para assegurar a continuidade da atenção e do sentimento.

Sempre que uma tal continuidade da atenção e do sentimento é formada, também é formada uma mente-grupo ou um Elemental-grupo que, com a passagem do tempo, desenvolve uma individualidade própria e deixa de depender, para a sua existência, da atenção e da emoção da multidão que o fez nascer. Tão logo isto acontece, a multidão já não tem poder para retirar a sua atenção ou para dispersar-se; o Elemental-grupo a tem sob seu controle. A atenção de cada indivíduo é atraída e mantida a despeito dele próprio; os sentimentos são espicados dentro dele, mesmo à sua revelia.

Cada recém-chegado que se aproxima do grupo entra nesta atmosfera potente, aceita-a e é absorvido pelo grupo, ou então a rejeita e ele próprio é rejeitado. Nenhum membro de um grupo que tem uma atmosfera forte, de uma mente-grupo ou de um Elemental-grupo (de acordo com o termo que preferirmos), tem liberdade para pensar sem predisposição sobre os objetos da concentração e da emoção do grupo. É por essa razão que as reformas são tão difíceis de realizar.

Quanto mais vasta é a organização que precisa de reformas, mais difícil é mudar e mais forte deve ser a personalidade que tenta realizar essa tarefa. Contudo, assim que essa personalidade enérgica começa a causar impressão, ela rapidamente descobre que um grupo está se reunindo sob a sua liderança, que este, por sua vez, está desenvolvendo um Elemental e que o impulso que ela originou a está impelindo para diante. Quando ela agita a bandeira da sua liderança, o movimento que criou obriga-a a seguir para a frente. O indivíduo solitário poderá desviar-se e parar nos momentos de dúvida e de desencorajamento, mas isso não acontece com o líder de um grupo fortemente emocionalizado; tão logo retarda o passo, ele sente a pressão da mente-grupo que está atrás, e esta o impele para frente durante as horas de fraqueza e de escuridão. Se o seu plano foi imprudentemente concebido, esta também poderá arrastá-lo e despedaçá-lo contra as rochas de uma política errônea, uma política cuja imprudência ele teria enxergado se tivesse analisado racionalmente o assunto. Não há meios de fazer parar o impulso de um movimento que se está deslocando ao longo das linhas de evolução. A mente-grupo dos participantes forma um canal

para a manifestação das forças de evolução e o impulso desenvolvido é irresistível. Contudo, por mais potente que seja a personalidade, por mais vastos que sejam os recursos, por mais populares que sejam as frases que funcionam como isca, se o movimento é contrário às leis cósmicas, então é apenas uma questão de tempo até que o grupo todo se precipite loucamente por uma rampa íngreme e caia no mar. Pois, num caso deste tipo, o próprio impulso que foi criado é que é a causa da destruição. Dê corda suficiente a um movimento falso e ele sempre se enforcará sozinho, caindo por causa do seu próprio peso, quando se tomou suficientemente instável para perder o equilíbrio.

Este fator da Mente-Grupo é uma chave extraordinariamente importante para a compreensão dos problemas humanos, e explica a irracionalidade dos homens em massa.

Analisado através de uma compreensão da psicologia das multidões torna-se óbvio que o método dos Mistérios e das fraternidades secretas de todas as épocas baseia-se na experiência prática dos fatos. O que poderia ser mais propício à formação de uma poderosa mente-grupo do que o segredo, as roupas especiais, as procissões e os cânticos de um ritual oculto? Qualquer coisa que diferencia da massa um grupo de indivíduos e os aparta, forma, automaticamente, uma mente-grupo. Quanto mais um grupo fica isolado, maior a diferença entre ele e o resto da humanidade, mais forte é a mente-grupo que assim foi criada. Pense na força da mente-grupo da raça judaica, isolada pelo ritual, pelos costumes, pelo temperamento e pela perseguição. Não há nada igual à perseguição para dar vitalidade a uma mente-grupo. É bem verdade que o sangue dos mártires é a semente da Igreja, pois ele é a argamassa da mente-grupo.

É por essa razão que o segredo dos Mistérios nunca será inteiramente - abolido. Por mais que seja revelado, alguma coisa sempre deve ser mantida em reserva e em segredo, porque esta alguma coisa, que não é partilhada com outros e que é o centro da atenção do grupo é o núcleo da mente-grupo e o foco da sua atenção; ela é para a mente-grupo aquilo que o grão de ateia é para a pérola que se está formando dentro da ostra. Se não existisse o grão de areia não existiria a pérola. Remova aquilo que diferencia o iniciado do resto dos homens e a mente-grupo da qual ele faz parte cairá em pedaços.

A potência do cerimonial fisicamente executado não se limita apenas a um apelo dirigido à entidade invocada, mas também a um apelo dirigido à imaginação dos participantes. Um adepto trabalhando sozinho realizará um ritual em imagens conscientes no astral, sem sair da sua postura de meditação, e este ritual será eficaz para os propósitos da invocação. Mas se ele deseja criar uma atmosfera na qual o desenvolvimento dos seus discípulos avance, como num gerador de força, ou se ele deseja elevar a sua própria consciência além das suas limitações normais,

transcendendo o seu próprio poder de vontade e de visão a olho nu, ele fará uso dos poderes do Elemental-grupo desenvolvido por meio do ritual.

Esta mente-grupo, ou Elemental ritual age sobre aqueles que participam da cerimônia exatamente da mesma maneira como a emoção da turba agiu sobre os cidadãos pacíficos quando viram os jogadores do Boca Juniors. Ficam fora de si; durante aquele momento, são mais do que humanos, pois um Elemental-grupo, formado pela emoção apropriada, é tão capaz de elevar a consciência ao nível dos anjos como de rebaixá-la até o nível das bestas.

Quando a nossa emoção é fortemente dirigida para um objeto, nós estamos derramando uma sutil, mas não obstante poderosa forma de força. Se essa emoção não é um simples derramamento cego, porém se formula dentro da idéia de fazer alguma coisa, especialmente se essa idéia faz com que surja na mente uma dramática imagem mental, a força derramada é formulada numa forma-pensamento; a imagem mental é animada pela força derramada e se torna uma realidade no astral. Esta forma-pensamento logo começa a emitir vibrações, e estas, pela lei da indução simpática da vibração, tendem a reforçar os sentimentos da pessoa cuja emoção lhes deu origem, e a induzir sentimentos similares em outras pessoas presentes, cuja atenção está dirigida para o mesmo objeto, mesmo que até aquele momento elas tenham sido apenas observadoras desinteressadas.

Será notado que a teoria da mente-grupo agora está sendo associada à teoria da auto-sugestão, conforme formulada por Baudouin, e estes dois conceitos psicológicos estabelecidos são aumentados, por associação, com o conceito esotérico da telepatia. Junte estes três fatores e teremos a chave não somente para o fenômeno da psicologia da multidão, mas também para o pouco compreendido poder do ritual, especialmente o ritual conforme é realizado em uma loja secreta.

Observemos o que acontece quando é realizado um ritual deste tipo. Todos os presentes mantêm a atenção concentrada sobre o drama da apresentação da cerimônia. Cada objeto ao alcance da visão é um símbolo da idéia que está sendo expressa pela cerimônia. Nenhuma circunstância que possa intensificar a concentração e a emoção é negligenciada. Conseqüentemente, é construído um grupo altamente concentrado e altamente energizado.

Conforme já pudemos ver, quando pensamos em qualquer objeto com emoção, derramamos força. Se um grupo de pessoas está pensando no mesmo objeto com emoção, com a atenção concentrada e com os sentimentos exaltados pelo ritual da cerimônia, elas estão derramando, num tanque comum, uma quantidade de força sutil que não tem nada de insignificante. É esta força que forma a base da manifestação de qualquer potência que possa estar sendo invocada.

Nas religiões onde os deuses ou os santos são livremente representados de forma pictórica, a imaginação dos adoradores está acostumada a idealizá-los conforme os viram representados; quer seja o Hórus da cabeça de falcão, quer seja a Virgem Maria. Quando um grupo de adoradores devotos está reunido, com as emoções concentradas e exaltadas pelo ritual e mentalizando todos a mesma imagem. A força derramada por eles é modelada na forma de um simulacro astral do ser assim intensamente imaginado; e se esse ser é a representação simbólica de uma força natural - que é justamente aquilo que todos os deuses estão destinados a ser - essa força encontrará um canal de manifestação através da forma que foi assim construída; a imagem mental sustentada na imaginação de cada participante da cerimônia subitamente dará a cada um deles a impressão de tornar-se viva e objetiva, e eles sentirão o afluxo da força que foi invocada.

Depois desse processo ter sido repetido regularmente durante consideráveis períodos de tempo, as imagens que foram construídas permanecem no astral, exatamente do mesmo modo como a marca de um hábito é formada na mente pela execução repetida da mesma ação. A força natural fica permanentemente concentrada desta forma. Em consequência disso, (a adoradores subseqüentes não precisam fazer grandes esforços para formular o simulacro; eles têm apenas que pensar no deus e logo sentem o seu poder. Foi deste modo que foram construídas todas as representações antropomórficas da Divindade. Se pensarmos um instante, veremos que o Espírito Santo não é uma chama e também não é uma pomba; e que o aspecto-terra maternal da Natureza não é Ísis e nem é Ceres ou a Virgem Maria. Estas são as formas das quais a mente humana lança mão para compreender estas coisas; quanto mais inferior e menos evoluída é a mente, tanto mais grosseira é a forma.

Aqueles que têm algum conhecimento dos poucos aspectos desvendados da mente humana quer se trate de um sacerdote egípcio, de um hierofante eleusiano ou de um ocultista moderno, fazem uso do seu conhecimento deste raro tipo de psicologia para criar condições nas quais a mente humana possa ser capaz de transcender a si mesma, romper a barreira das suas limitações e lançar-se num espaço mais vasto.

Questionário:

Questionário sobre A Mente Grupo:

- 01 - O que é mente-grupo?
 - 02 - O que é alma-grupo?
 - 03 - Cite algum exemplo do comportamento da mente grupo que você tenha presenciado.
 - 04 - O que é que faz a mente-grupo existir?
 - 05 - O que é um elemental artificial?
 - 06 - Qual a origem dos elementais artificiais?
 - 07 - O que é necessário para manter viva a mente-grupo?
 - 08 - Qual o objetivo de um ritual?
-

Os Habitantes do Invisível

Qualquer um que entre em contato com o mundo invisível, seja por meio do próprio psiquismo ou empregando a psiquismo de uma outra pessoa, como um canal de evocação, tem necessidade de usar algum sistema de classificação para poder compreender os diferentes fenômenos com os quais se defrontará. Nem todos estes se devem aos espíritos dos que já partiram; no mundo invisível há outros cidadãos além daqueles que certa vez tiveram forma humana. E nem todos os fenômenos, atribuídos à mente subconsciente, são inteiramente subjetivos. A confusão tem origem quando aquilo que deveria ser atribuído a uma divisão é designado para outra. É possível mostrar claramente que a explicação oferecida não responde pelos fatos. Não obstante, não é possível solucionar os fatos simplesmente mostrando que a explicação é enganadora. Uma classificação correta trará uma explicação que pode resistir a qualquer investigação imparcial e justificar-se por sua própria sabedoria.

A classificação cujo emprego se propõe nestas páginas é, em sua maior parte, retirada das fontes ocultas tradicionais, e acredita-se que ela poderá lançar luz sobre certas experiências enfrentadas pelos que trabalham na pesquisa psíquica. É oferecida num espírito de cooperação, como um testemunho independente para uma experiência comum.

AS ALMAS DOS MORTOS

De todos os habitantes do mundo invisível, aqueles com os quais torna-se mais fácil estabelecer um contato são as almas dos seres humanos que se despojaram da sua vestimenta exterior de carne, temporária ou permanentemente. Qualquer um que esteja familiarizado com o pensamento espiritualista ou esotérico logo se habitua à idéia de que o homem não é modificado pela morte. A personalidade permanece, apenas o corpo é que se vai.

O esoterista, no seu conceito sobre a natureza das almas que partiram, estabelece uma distinção entre aquelas que estão atravessando a fase internatal, isto é, que estão vivendo, entre encarnações, nos mundos não-físicos, e aquelas que não tornarão a encarnar. Há uma grande diferença, em capacidade e concepção, entre estes dois tipos de almas, e muitas das questões, atualmente em evidência, entre espiritualismo e ocultismo, sem dúvida se devem ao não reconhecimento deste fato.

O ocultista não sustenta que a existência é uma eterna seqüência de nascimento e morte, porém afirma que em certas fases de evolução a alma entra numa série de vidas materiais e, através do desenvolvimento realizado durante estas vidas, ela finalmente deixa para trás a fase mundana de evolução, tomando-se cada vez mais e mais espiritualizada à medida que este período vai chegando ao seu termo, até que, finalmente, conquista a sua liberação da matéria e não torna a reencarnar,

continuando a sua existência como um espírito sem corpo e com mente humana. O intelecto, afirma o ocultista, só pode ser obtido através da encarnação na forma humana. Aqueles seres que não passaram por esta experiência não têm intelecto na forma em que o compreendemos, com certas exceções que analisaremos mais tarde.

Na maioria das vezes, é com a alma de mortos viventes que são feitos os contatos no decurso das sessões. As almas liberadas vão para o seu próprio lugar e não se pode alcançá-las com facilidade. Só aquelas que têm alguma coisa que fazer aqui é que retomam para ficar ao alcance da esfera da terra. A discussão deste ponto abriria um vasto campo de interesse com o qual não nos podemos ocupar no momento. Será suficiente dizer que, conforme é do conhecimento de todos os aficionados à pesquisa psíquica, há almas de um tipo mais elevado do que aquelas comumente encontradas, almas que estão envolvidas na evolução da humanidade e no treinamento daqueles que estão dispostos a colaborar com elas no trabalho que realizam.

Podemos dizer, então, que as almas dos mortos podem ser divididas em três tipos: as almas dos mortos viventes, que tornarão a voltar para a vida terrena; as almas liberadas, que deixaram para trás a vida terrena e foram para uma outra esfera de existência; e as almas liberadas que, tendo partido, tomaram a voltar para a esfera terrestre porque têm aqui um trabalho a cumprir. O reconhecimento dessa divisão servirá para explicar muitas das discrepâncias que encontramos entre as afirmações dos espiritualistas e dos ocultistas. O ocultista visa principalmente entrar em contato com as almas liberadas, tendo como propósito o trabalho específico no qual ambos, ele e elas estão envolvidos; quase sempre se mostra rigoroso no que concerne a deixar em paz as almas dos mortos viventes. Pessoalmente, sou da opinião que ele está enganado ao agir assim. É bem verdade que estas pouco poderão, ajudá-lo no trabalho por ele escolhido, mas a convivência normal dos vivos com os mortos poderia despojar a morte da maioria dos seus terrores e construiria, firmemente, uma ponte entre aqueles que estão aqui e aqueles que já se foram. O ocultista certamente não solicita a cooperação dos mortos viventes, como solicitaria das almas liberadas, pois elas têm o seu próprio trabalho para fazer; e nem ele pode depositar tanta confiança, no conhecimento e na penetração delas, como depositaria naquelas que já foram liberadas da roda do nascimento e da morte; além disso, ele não tem qualquer direito de usá-las, no curso das suas experiências, como usaria os espíritos Elementais. Admitindo estas limitações, porém, parece não haver nenhuma razão para que o ocultista não possa tomar parte no intercâmbio de cortesias que está ocorrendo continuamente na linha da fronteira. Afinal de contas, a morte é um dos processos da vida e os mortos estão bem vivos e são absolutamente normais.

PROJEÇÕES DOS VIVOS

A aparição do simulacro de um ser humano, na hora da morte, é extraordinariamente comum e existem inúmeros exemplos, muito bem atestados, da sua ocorrência. O que não é tão sabido, e nem impossível, é que o simulacro, ou forma astro-etérica, seja projetado voluntariamente pelo ocultista treinado. Comparadas com a multidão de almas desencarnadas, que são encontradas quando o limiar é transposto, tais projeções são extremamente raras; não obstante, elas ocorrem e podem ser encontradas, portanto, devem ser incluídas em qualquer classificação que tenha a intenção de ser compreensível. Normalmente, uma tal alma projetada aparenta estar inteiramente preocupada com os seus próprios negócios e dá a impressão de estar numa condição de absorção que faz com que ela pareça ignorar o ambiente que a rodeia. Diga-se de passagem, acontece, com muita frequência, que o espírito sem corpo tem um trabalho elaborado para manter um pouco de consciência nos planos mais elevados e a sua auto-absorção é igual à de alguém que está aprendendo a andar de bicicleta. Ocasionalmente, uma comunicação pode ser estabelecida entre um tal corpo etérico projetado e um grupo de experimentadores, e os resultados obtidos são muito interessantes, contudo, a menos que haja uma materialização suficiente para tomar o simulacro visível para aquele que não é psíquico, o experimento terá uma natureza mais próxima da telepatia praticada por intermédio da mediunidade do que de uma projeção verdadeira da forma astro-etérica.

Tais visitantes não são anjos e nem são demônios, mas sim "humanos, demasiadamente humanos".

AS HIERARQUIAS ANGÉLICAS

O Protestante comum tem uma noção muito vaga no tocante as hierarquias angélicas, o grande exército de seres de uma outra evolução que não a nossa, muito embora sejam filhos do mesmo Pai Celestial. A Cabala, porém, é explícita a respeito deste ponto e os classifica em dez arcanjos e dez ordens de seres angelicais. As teologias Budista, Hindu, e Maometana, são igualmente explícitas. Podemos, portanto, reconhecer que esta concordância dos testemunhos prova a certeza da afirmação, e será benéfico para o nosso propósito tomarmos como guia aquele sistema do qual o Cristianismo tirou a sua origem - o Judaísmo místico.

Não entraremos nas classificações elaboradas empregadas pelos rabinos judeus, que, embora importantes para propósitos de magia, não dizem respeito ao assunto em foco. Basta compreendermos que há seres, divinamente criados, de vários graus de grandeza, desde o mais poderoso arcanjo que São João, o Profeta,

viu em pé no sol, descendo até os anônimos mensageiros celestes que de tempos em tempos têm visitado a humanidade.

Além das esferas, para as quais são remetidos os espíritos desencarnados da humanidade, habitam estes seres celestiais, e em alguns níveis elevados de luz espiritual, o psíquico, ou médium, às vezes entra em contato com eles. É dito, pelos rabinos, que estes seres são perfeitos, cada um igual ao outro; mas eles não evoluem e é evidente que não são intelectualizados. Quase poderíamos chamá-los de Robôs divinos, cada um rigidamente condicionado, pela sua própria natureza, para executar com perfeição o trabalho para o qual foi criado; livre de todas as lutas e conflitos interiores, porém imutáveis e, conseqüentemente, sem possibilidade de evolução.

Segundo se afirma, nenhum anjo jamais sai da sua própria esfera de atividade. O anjo que tem "cura em suas asas" não pode dar visão, nem aquele que confere a visão serve como poderoso guarda contra o poder das trevas.

Os esoteristas fazem uma distinção fundamental entre os anjos e as almas dos homens. Eles dizem que as Centelhas Divinas, que são os núcleos das almas dos homens, provém do cosmo numênico, do mesmo plano onde o Logos Solar tem o Seu ser. Eles são, portanto, da mesma natureza mais interior da Divindade. Por outro lado, os anjos são criados pelo Logos Solar, sendo os primeiros dos Seus seres criados. Eles nem caem em geração e nem se elevam pela regeneração, porém, permanecem em imutável perfeição, sem evoluir, até o final dos tempos.

As funções dos anjos são diversas e aqui não podem ser abordadas pormenorizadamente. Cada um, de acordo com sua função e hierarquia próprias, é o mensageiro de Deus nas coisas do espírito, mas não tem contato direto com a matéria densa. Essa função é inteiramente realizada por uma outra ordem de seres, os Elementais, que diferem, em origem e natureza interior, tanto dos anjos quanto dos homens.

ELEMENTAIS

Existe muita confusão de pensamento no que se refere às ordens de seres conhecidos como Elementais. Às vezes eles são confundidos com os espíritos dos homens. Indubitavelmente, muitos acontecimentos atribuídos a espíritos devem ser consignados às atividades destas outras ordens de seres. Mais uma vez, não devem ser confundidos com os demônios do mal ou, para dar a estes o seu nome cabalístico, com os Qliphoth.

Os Elementais são as formas-pensamento geradas por sistemas coordenados de reações que se tomaram estereotipadas pela repetição constante e imutável. Tornam-se necessárias algumas explicações para tornar claro este conceito, e nós o compreenderemos melhor se examinarmos os meios pelos quais os elementais são criados.

Cada época de evolução é constituída pela ida e volta de uma onda-vida de almas viventes. Na terminologia esotérica, estas ondas-vida são citadas como os

Senhores da Chama, da Forma e da Mente. A evolução atual se transformará nos Senhores da Humanidade. Cada onda-vida desenvolve sua contribuição característica para a evolução. Quando as Centelhas Divinas, que constituem os núcleos evoluídos das almas de cada evolução, são **levadas** de volta para os planos e reabsorvidas no Reino de Deus, o trabalho que elas realizaram permanece além delas, naquilo que construíram, quer sejam os elementos químicos evoluídos pelos Senhores da Forma, ou as reações químicas desenvolvidas pelos Senhores da Chama, ou mesmo as reações de consciência desenvolvidas pelos Senhores da Mente.

Segundo é dito, a humanidade está desenvolvendo o poder da consciência coordenada, portanto, os Senhores da Humanidade mantêm com os Senhores da Mente o mesmo relacionamento que os Senhores da Chama mantêm com os Senhores da Forma. Todavia, estes seres, de três ondas-vida anteriores, já ultrapassaram o nível de vida na terra, cada grupo indo para o seu plano apropriado; e os Senhores da Humanidade ainda estão absorvidos na tarefa de construir e, com exceção de alguns poucos que se tornaram Mestres, ainda não escaparam do aprisionamento do material no qual trabalham. Conseqüentemente, é muito raro que qualquer psíquico, salvo um adepto dos graus mais elevados, alguma vez entre em contato com qualquer um destes seres.

Todavia, conforme já foi apontado, eles deixaram para trás as formas que construíram no decorrer da sua evolução. Estas formas, conforme os psíquicos ensinam, na realidade, consistem de sistemas coordenados de repetições eletromagnéticas. Toda a vez que qualquer movimento tem lugar, uma corrente elétrica se estabelece, e, se a série de movimentos coordenados é repetida muitas vezes, estas correntes tendem a fazer ajustamentos entre si e se tornam coordenadas por sua própria conta, totalmente independentes das formas físicas cujas atividades deram origem a elas. É destas coordenações que são desenvolvidos os Elementais.

Nestas páginas não podemos penetrar mais fundo neste assunto, por demais interessante e complexo. Este é um tema para estudo à parte. Todavia, foi dito o suficiente para indicar que, embora o produto final da evolução dos reinos angélico, elemental e humano, seja o de produzir consciência e inteligência, a origem dos três tipos de seres é totalmente diferente, o mesmo acontecendo com o destino deles.

As Centelhas Divinas são as emanções do Grande Não-Manifesto, Aín Soph Aur, na terminologia dos cabalistas; os anjos são as criações do Logos Solar e os Elementais são "as criações dos criados", quer dizer, originados pelas atividades do universo material.

Dos Elementais assim desenvolvidos, há muitos tipos. Em primeiro lugar, as quatro grandes divisões dos espíritos Elementais da Terra, do Ar, do Fogo e da Água, que os alquimistas conhecem, respectivamente, como Gnomos, Silfos, Salamandras e Ondinas. Estes representam, na verdade, quatro tipos de atividade originados por quatro tipos de relacionamento. Nos sólidos (o Elemento da terra)

as moléculas estão reunidas. Nos líquidos (o Elemento da água) as moléculas se movem livremente. Nos gases (o Elemento do ar) elas se repelem mutuamente e, em conseqüência, dispersam-se até os seus limites mais extremos. E no fogo a propriedade essencial da sua atividade é mudar de plano, ou transmutar. Os quatro reinos de Elementais primários, comandados por seus reis angélicos, representam a ação coordenada, deliberada e inteligente destas quatro propriedades da matéria - o lado mental do fenômeno material, para ser exata. (vide Curso Básico de Magia).

Este fato é muito conhecido dos ocultistas e no seu trabalho mágico eles utilizam o lado-mente da matéria. Conseqüentemente, muitos destes sistemas Elementais de reações foram, por assim dizer, domesticados por adeptos. Os Elementais assim domesticados ficaram impregnados de consciência de um tipo humano. Os psíquicos às vezes se encontram com estes Elementais desenvolvidos (ou iniciados).

Nós agora estamos violando alguns dos aspectos mais secretos do ocultismo, e o que pode ser dito não é muito; e mesmo que mais fosse dito, pouco seria entendido, exceto por aqueles que já estão bem versados na ciência esotérica.



Futuramente voltaremos a abordar este tema, porém no próximo módulo estaremos dando uma introdução à Goetia, isto é proposital e não uma descontinuação no Curso... É para um melhor entendimento.

Pax et Lux

A Sacerdotisa 666